

**IDENTIDADE, CULTURA E FRONTEIRA:** reflexões sobre os processos identitários em Oiapoque a partir de análise bibliográfica e observações do inventário turístico de valores culturais<sup>1</sup>

Maria Eduarda da Silva Negrão<sup>2</sup>  
Rachel Dourado da Silva<sup>3</sup>

**RESUMO:** Este artigo discute os processos de formação identitária e cultural no município de Oiapoque, fronteira entre Brasil e Guiana Francesa, articulando referencial teórico e observações produzidas durante o Inventário Turístico de Valores Culturais realizado no território. A partir de pesquisa qualitativa e análise bibliográfica fundamentada em autores como Stuart Hall, José Luiz dos Santos, Néstor García Canclini, Homi Bhabha e autoras que debatem hibridismo, como Daniela Kern, compreende-se a identidade como processo relacional e dinâmico, especialmente visível em contextos fronteiriços. Elementos do inventário, como manifestações culturais, paisagens simbólicas e bens materiais e imateriais, são utilizados como exemplos concretos para demonstrar como hibridismo, pertencimento e memória se materializam no cotidiano oiapoquense. Conclui-se que o município revela um ambiente privilegiado para estudar identidades híbridas e multiculturalidade, destacando a importância da valorização cultural para fortalecer políticas turísticas e patrimoniais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Identidade cultural; Fronteira; Oiapoque; Hibridismo; Patrimônio cultural.

**RESUMEN:** Este artículo analiza los procesos de identidad y formación cultural en el municipio de Oiapoque, en la frontera entre Brasil y la Guayana Francesa, articulando referencias teóricas y observaciones producidas durante el Inventario Turístico de Valores Culturales realizado en el territorio. A partir de la investigación cualitativa y el análisis bibliográfico basado en autores como Stuart Hall, José Luiz dos Santos, Néstor García Canclini, Homi Bhabha y autoras que debaten el hibridismo, como Daniela Kern, la identidad se entiende como un proceso relacional y dinámico, especialmente visible en contextos fronterizos. Elementos del inventario, como manifestaciones culturales, paisajes simbólicos y bienes materiales e inmateriales, se utilizan como ejemplos concretos para demostrar cómo el hibridismo, la pertenencia y la memoria se materializan en la vida cotidiana de Oiapoque. Se concluye que el municipio revela un entorno privilegiado para estudiar identidades híbridas y multiculturalismo, destacando la importancia de la apreciación cultural para fortalecer las políticas turísticas y patrimoniales.

**PALABRAS CLAVE:** Identidad cultural; Límite; Oiapoque; Hibridismo; Patrimonio cultural.

Data de apresentação: 28/01/2026

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao Instituto Federal do Amapá como requisito para a obtenção do título de Tecnóloga em Gestão Comercial.

<sup>2</sup> Acadêmica do curso de Tecnologia em Gestão Comercial. E-mail: negraoduda46@gmail.com.

<sup>3</sup> Orientadora- Doutora em Geografia pela Universidad Nacional Autónoma de México – UNAM. Pesquisadora nos grupos: Modo de Vida e Culturas Amazônicas - GEPcultura (UNIR), Observatório do Turismo (IFAC). Observatório de Fronteira: Culturas e Biodiversidade na Amazônia Oriental, (IFAP). Anticapitalismo e Sociabilidades Emergentes (CLACSO). Professora de Turismo no IFAP – Campus Oiapoque. ORCID: 0000-0002-3210-4803. E-mail: rachel.silva@ifap.edu.br.

## 1. INTRODUÇÃO

Discutir identidade e cultura em contextos de fronteira exige reconhecer que tais categorias são construções históricas, simbólicas e sociais. Como argumenta Stuart Hall (2006), identidade é sempre processo, nunca essência fixa. Ela se constitui nas relações, nos deslocamentos e nos jogos de diferença. Essa perspectiva torna-se ainda mais evidente em territórios como Oiapoque, situado no extremo norte brasileiro e marcado pelo contato constante com a Guiana Francesa.

O estudo também dialoga com abordagens sobre cultura, como as de José Luiz dos Santos (1987), que entende a cultura como conjunto de significados partilhados, e com discussões sobre hibridismo cultural, tratadas tanto por Néstor García Canclini (2008) quanto por Daniela Kern (2004), esta última ao refletir sobre rupturas, continuidades e recombinações simbólicas.

As observações do Inventário Turístico de Valores Culturais de Oiapoque reforçam a materialidade desses processos: tradições, objetos, práticas, festas, religiosidades e saberes ancestrais ilustram como a identidade local é tecida no cotidiano. Assim, este artigo articula referencial teórico e evidências empíricas do inventário, permitindo compreender as identidades em um espaço fronteiriço multicultural.

### 1.1 Identidade social e cultural: uma construção em movimento

A identidade cultural, conforme discutida por Hall (2006), é uma produção discursiva marcada por negociações permanentes. Essa compreensão aproxima-se das reflexões de José Luiz dos Santos (1987), para quem a cultura expressa o modo como grupos atribuem sentido ao mundo e reconhecem-se como coletividade.

No Oiapoque, essa dinâmica se evidencia na convivência entre múltiplos grupos: povos indígenas, Palikur-Arukwayene, Galibi-Marworno, Galibi Kali'na e Karipuna, comunidades quilombolas, ribeirinhas, populações urbanas e migrantes de diversas regiões do Brasil. Além disso, há o fluxo transfronteiriço trabalhadores que circulam diariamente para a Guiana Francesa e de Guianenses que visitam Oiapoque, com fins recreacionais, ou para compras.

Elementos observados no inventário, como o tacacá tradicional, o artesanato indígena, o marabaixo e as técnicas de pesca, revelam essa convivência múltipla. Em vez de suprimir diferenças, tais práticas coexistem e se influenciam, gerando formas de pertencimento simultaneamente locais e transnacionais. Assim, a identidade cultural no Oiapoque não é essência, mas processo contínuo de negociação.

### 1.2 Fronteira e Hibridismo: Contribuições de Bhabha, Canclini e Kern

A fronteira, segundo Homi Bhabha (2013), é um entre-lugar, espaço de deslocamentos, ambiguidades e produções simbólicas onde sujeitos e culturas se encontram para criar significados. Essa ideia se aproxima das análises de Néstor García Canclini (2008), que vê a modernidade latino-americana como marcada pela hibridação cultural. Daniela Kern (2004), ao discutir o conceito de hibridismo ontem e hoje, reforça que misturas e recombinações não são fenômenos recentes, mas modos estruturantes das culturas em contato.

A realidade oiapoqueense confirma essas reflexões. No inventário cultural, o marabaixo aparece coexistindo com rituais católicos, cantos indígenas, práticas francesas e manifestações urbanas contemporâneas. A própria paisagem da cidade, o Monumento “Aqui Começa o Brasil”, o Museu Kuahí, o Mercado Municipal, a orla e o

fluxo diário de trabalhadores entre os dois países, revela um território no qual referências culturais se interpenetram.

Esses elementos demonstram que Oiapoque funciona como espaço paradigmático de hibridismo, no qual fronteira não representa limite, mas circulação, encontro e reinvenção.

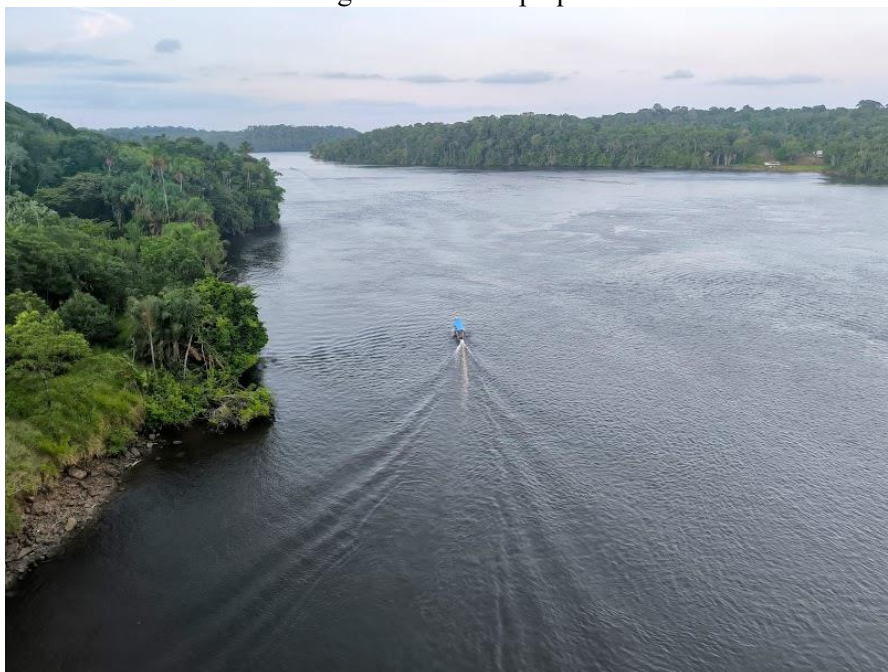
### 1.3 Cultura, Memória e Pertencimento no Território Oiapoqueense

A cultura opera como um sistema simbólico que organiza percepções, práticas, afetos, memórias e modos de estar no mundo. Como enfatiza Ailton Krenak (2020), cultura não se limita a expressões formais, bens materiais ou manifestações espetacularizadas; ela envolve sobretudo formas de viver, modos de se relacionar com as pessoas, com a natureza e com o território. Essa compreensão é especialmente pertinente em regiões amazônicas e fronteiriças, como Oiapoque, onde o cotidiano é atravessado por múltiplas cosmologias, tradições e experiências históricas.

No município, as dimensões culturais e identitárias tornam-se visíveis tanto em bens materiais quanto em práticas imateriais observadas durante o Inventário Turístico de Valores Culturais. O Museu Kuahí, por exemplo, constitui mais que um espaço expositivo: ele é um dispositivo de salvaguarda da memória indígena e um lugar de afirmação política e histórica dos povos Palikur-Arukwayene, Galibi-Marworno, Galibi Kali'na e Karipuna. Suas coleções e narrativas revelam não apenas objetos culturais, mas modos de vida, tecnologias ancestrais, histórias de resistência e relação profunda com o território.

As técnicas tradicionais de pesca, entre outras, presentes principalmente em comunidades ribeirinhas e aldeias, demonstram como saberes são transmitidos entre gerações. Não se trata apenas de práticas econômicas, mas de conhecimentos ecológicos complexos, vinculados ao ciclo do rio Oiapoque (Figura 1), aos ventos, às fases da lua e aos modos de manejo da floresta. Esses saberes constituem patrimônio vivo, que estrutura o pertencimento local e reforça vínculos comunitários.

Figura 1: Rio Oiapoque



Fonte: Foto de Rachel Dourado da Silva, fevereiro 2025.

A culinária tradicional, como o tacacá observado no inventário, também atua como marcador identitário. Além de remeter a ingredientes amazônicos, sua preparação mobiliza memórias afetivas, redes de sociabilidade e práticas cotidianas de convivência. Comer tacacá na feira, na praça ou nos pontos tradicionais da cidade não é atividade apenas alimentar: é gesto cultural que expressa pertencimento, encontro e continuidade.

O acervo fotográfico de Seu José (Figura 2), uma referência na memória visual do município, evidencia a importância das narrativas imagéticas na construção da história local. Suas fotografias, que registram desde eventos religiosos até paisagens urbanas e mudanças no espaço da cidade, funcionam como documentos de memória social. Elas não apenas contam o passado, mas orientam como o presente é percebido e como a comunidade se reconhece enquanto tal.

Figura 2: acervo fotográfico de Seu José



Fonte: Foto de Maria Eduarda Silva Negrão, março 2025.

As manifestações religiosas, como Festa da Nossa Senhora das Graças, Festa de São Benedito, expressam a permanência de tradições que articulam fé, identidade coletiva e ocupação simbólica do espaço urbano. Em Oiapoque, essas celebrações reúnem grupos diversos e revelam como o sagrado também é lugar de encontro entre culturas distintas, reforçando vínculos comunitários.

Por fim, as paisagens simbólicas, o rio Oiapoque, a orla, a ponte binacional e o Monumento “Aqui Começa o Brasil”, representam marcos de memória e pertencimento. O rio, especialmente, opera como eixo central da vida social, econômica e cultural. Ele é estrada, meio de sobrevivência, espaço de espiritualidade e fronteira simbólica que separa e, ao mesmo tempo, conecta.

Esses elementos mostram que o pertencimento se ancora tanto na ancestralidade quanto nas experiências contemporâneas. Mesmo em um território de intensas trocas culturais, marcado por migrações, trânsitos e influências externas, as práticas culturais observadas mantêm o fio da continuidade, articulando passado e presente. Assim, a

identidade oiapoquense emerge como uma rede constituída por memórias compartilhadas, vínculos territoriais e modos específicos de habitar a fronteira.

## **2 MÉTODO E TÉCNICAS**

### **2.1 Procedimentos Metodológicos e Orientação Epistemológica**

A pesquisa desenvolvida possui natureza qualitativa e fundamenta-se na análise bibliográfica sobre identidade cultural, fronteiras, processos de hibridização e práticas simbólicas. A esse referencial teórico somam-se observações oriundas do Inventário Turístico de Valores Culturais de Oiapoque, utilizado como fonte empírica complementar. O inventário não é tratado como relatório técnico, mas como lente interpretativa que possibilita aproximar teoria e território, permitindo observar como os conceitos discutidos pelos autores se manifestam no cotidiano oiapoquense.

Embora o estudo não adote uma metodologia fenomenológica clássica, uma vez que não realizou entrevistas, narrativas de vida ou procedimentos de redução, ele se inspira na orientação epistemológica da fenomenologia, sobretudo nas contribuições de Edmund Husserl e Edith Stein. Essa inspiração manifesta-se no modo como o inventário foi mobilizado: privilegiando a descrição cuidadosa dos fenômenos culturais, suspendendo pré-conceitos e buscando compreender o significado das práticas observadas em seu contexto vivido.

O princípio husserliano do “retorno às coisas mesmas” indica a importância de observar os fenômenos culturais antes de enquadrá-los em categorias rígidas, permitindo que tradições, objetos, paisagens e práticas se revelem em sua significação própria. A contribuição de Edith Stein, ao enfatizar a experiência intersubjetiva e a empatia como modos de acesso ao mundo cultural, reforça essa postura analítica: compreender a cultura exige abertura ao ponto de vista do outro e atenção ao modo como comunidades expressam seus valores, memórias e modos de viver.

Assim, a metodologia adotada articula análise bibliográfica, observações descritivas do inventário e orientação fenomenológica como atitude investigativa. Essa combinação permite interpretar identidades, práticas e paisagens culturais de Oiapoque não apenas como dados isolados, mas como expressões dinâmicas de pertencimento, memória e hibridismo em um território de fronteira.

## **3 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

### **3.1 Análise Integrada dos Processos Identitários em Contexto Fronteiriço**

A análise integrada entre os aportes teóricos e os elementos empíricos do Inventário Turístico de Valores Culturais evidencia que a identidade em Oiapoque é fruto de um tecido sociocultural continuamente refeito. A convivência entre tradições indígenas, afro-amapaenses, amazônicas, caribenhas, francesas e brasileiras revela que a fronteira opera como espaço de encontros e deslocamentos, confirmando a leitura de Homi Bhabha (2013) sobre a produção de identidades no “entre-lugar”. Nesse sentido, Oiapoque não é zona de separação, mas um território de trânsito, negociação e criação de novos sentidos de pertencimento.

Os dados do inventário reforçam essa interpretação. Práticas como o marabaixo, o artesanato indígena, as festividades católicas, a culinária amazônica, os rituais de cura e as trocas comerciais com a Guiana Francesa mostram que diferentes matrizes culturais coexistem e se entrelaçam. Essa coexistência não é harmoniosa ou uniforme, mas

dinâmica, permeada por adaptações, tensões, apagamentos e ressignificações, movimento que dialoga diretamente com Canclini (2008), para quem o hibridismo é característica estrutural da modernidade latino-americana.

Além disso, a descrição dos espaços urbanos e simbólicos, a orla do rio Oiapoque, o Monumento “Aqui Começa o Brasil”, o Museu Kuahí, o Mercado Municipal, demonstra que a cidade se constitui como paisagem identitária na qual memória e circulação se articulam. Esses espaços não representam culturas isoladas, mas expressam uma sedimentação de camadas históricas que revelam tanto ancestralidade quanto modernidade. Esse aspecto dialoga com Stuart Hall (2006), ao evidenciar que identidades não são essenciais, mas processos em permanente (re)construção a partir de múltiplos referenciais.

A presença de povos indígenas com histórias distintas, migrantes brasileiros de diversas regiões, trabalhadores transfronteiriços, evidencia que Oiapoque é território multicultural em fluxo contínuo. As práticas observadas no inventário mostram como essa multiplicidade se concretiza: técnicas de pesca e cultivo, modos de preparo do tacacá, narrativas visuais preservadas por fotógrafos locais, rituais religiosos e festas comunitárias operam como dispositivos de memória e pertencimento. Esses elementos confirmam que a identidade não é estática; ao contrário, é sempre relacional, situada e vivida, perspectiva central em Hall (2006) e que também se aproxima da leitura fenomenológica sobre o mundo vivido.

Portanto, a discussão revela que a fronteira de Oiapoque é produtor de identidades e não mero limite geográfico. Trata-se de espaço onde o cotidiano é atravessado por trocas culturais intensas, que geram formas singulares de pertencimento e modos de vida adaptados às condições específicas de um território liminar. O inventário torna visíveis essas práticas, permitindo compreender como memória, cultura e identidade se articulam na materialidade da vida social.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As análises realizadas demonstram que Oiapoque constitui um espaço privilegiado para a compreensão dos processos identitários que emergem em territórios fronteiriços. Ao articular o referencial teórico com os dados empíricos do inventário cultural, tornou-se possível visualizar como pertencimento, memória e hibridismo se expressam nas práticas cotidianas da população, produzindo identidades plurais, situadas e em constante transformação.

A fronteira aparece não como marca de separação, mas como motor cultural. Oiapoque evidencia que identidades culturais são continuamente reelaboradas, influenciadas por fluxos migratórios, pela convivência entre matrizes indígenas, afro-amapaenses e amazônicas, e pelo diálogo permanente com a Guiana Francesa. Essa multiplicidade confirma que identidades contemporâneas são fluidas, híbridas e negociadas, conforme apontam Hall (2006), Bhabha (2013) e Canclini (2008).

Além disso, a pesquisa destaca a importância da valorização cultural como estratégia para fortalecer políticas públicas de turismo, educação patrimonial e gestão da memória local. O inventário, ao registrar bens, práticas e saberes, não apenas documenta elementos culturais, mas ilumina modos de vida que dão forma à identidade do município. Ele revela que a riqueza cultural de Oiapoque é um recurso simbólico e econômico capaz de contribuir para iniciativas de desenvolvimento territorial.

Conclui-se, portanto, que a compreensão das identidades de Oiapoque exige reconhecer a complexidade e a riqueza do seu cenário fronteiriço. Este artigo contribui para esse debate ao evidenciar que cultura, memória e hibridismo são dimensões

indissociáveis na constituição da experiência oiapoquense, abrindo caminhos para investigações futuras que desejem aprofundar a relação entre território, circulação e modos de vida.

## REFERÊNCIAS

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. 4. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

BICUDO, M. A. V. (org.). **Fenomenologia: fundamentos e pesquisa em educação**. São Paulo: Cortez, 2011.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas Híbridas**. 4. ed., 3. reimp. São Paulo: Edusp, 2008.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2006.

HUSSERL, E. **Ideias para uma fenomenologia pura e uma filosofia fenomenológica**. São Paulo: Ideias & Letras, 2006.

KERN, D. O conceito de hibridismo ontem e hoje: ruptura e contato. **MÉTIS: História & Cultura**, v.3, n.6, 2004.

KRENAK, Ailton. **Caminhos para a cultura do bem viver**, 2020.

RODRIGUES, L. A. F.; Castro, F. L. **Gestão Cultural – Esboçando o Conceito**. Palestra, IDAES/UNSAM, 2017.

SANTOS, J. L. **O que é Cultura**, 1987.

STEIN, Edith. **A estrutura da pessoa humana**. Petrópolis: Vozes, 2007.

STEIN, Edith. **Sobre o problema da empatia**. Tradução de Fernanda Lemos de Lima. Petrópolis: Vozes, 2018.

## AGRADECIMENTOS

A Deus que até aqui tem me ajudado.

Aos meus pais que foram os principais incentivadores.

A minha orientadora professora Rachel Dourado que esteve ao meu lado durante o processo.

Ao Instituto Federal do Amapá pelo suporte.

A biblioteca que me orientou na finalização deste trabalho.